

## O IMEDIATO NA FENOMENOLOGIA

**Maria Fernanda F. Beirão Dichtchekenian**

Doutora em Psicologia pela PUC SP; professora do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Educação da mesma universidade.

Qual o "lugar" do imediato ?

Ou qual o espaço que se nos abre em termos de compreensão quando nos atemos ao conceito de imediato tal como é usado pela fenomenologia ?

I — Numa proposta de fenomenologia feita por Husserl:

O apelo da fenomenologia para voltarmos à experiência concreta, ao **positum**, ao dado, é o primeiro exemplo da procura do imediato.

Mas há outros:

- O próprio conceito de fenômeno enquanto aquilo que aparece se mostra por si;
- O conceito de **intencionalidade** definido nas relações de imanência consciência-mundo;
- A **redução**, que nos coloca na imediatez da relação da consciência com o objeto presente intencionado por ela.

II — Nas conseqüências desta proposta no que respeita à psicologia como ciência:

1. em termos epistemológicos
2. na prática científica.

I — Numa proposta da fenomenologia feita por Husserl:

Vamos detar-nos um pouco em cada um destes conceitos citados no esquema.

**Fenômeno:** é o que aparece. Mas existem diferentes níveis do aparecer. Dependendo da atitude daquele que "vê", ou da forma como ele se "coloca perante", o ver pode-se reduzir à aparência, àquilo que se manifesta; ou seja, o observador coloca-se em determinado ponto de referência e descreve aquilo que ele pode ver desse ponto. Este não é o fenômeno em termos fenomenológicos. Nesses termos o fenômeno tem um sentido, e

este sentido se revela no aparecer se este aparecer é olhado com olhos fenomenológicos. Voltamos à atitude do observador — o deixar aparecer o fenômeno decorre da “atitude” de “perseguir” o fenômeno nas suas diferentes formas de manifestação. Isto quer dizer que os pontos de referência não devem ser estáticos permanecendo num nível de observação entendido no sentido estrito do termo. O “ver” fenomenológico é entendido antes como resposta ao que se insinua no que se manifesta. Quer dizer que é a atitude do observador, despojada de referenciais preestabelecidos, que possibilita o “aparecer” em sua originalidade. Neste sentido o imediato não é mediatizado por qualquer referencial teórico estabelecido. Mas este despojamento não é aleatório. Obedece a uma estratégia. Neste “deixar aparecer” o referencial surge “a posteriori”, solicitado pelo próprio fenômeno, ou melhor, eu, enquanto sujeito, procuro estabelecer um referencial que me permite visualizar o fenômeno em todas as suas possibilidades ou analogicamente, se compararmos o referencial a uma posição no espaço, de todos os ângulos.

Apesar disto, este referencial é um meio através do qual eu posso aperceber-me dos limites a que eu cinjo o fenômeno, cingindo-me no referencial. A posição crítica da fenomenologia consiste fundamentalmente nisto: estabelecer pontos de referência e saber que são pontos de referência apenas — saber em que medida o meu “ver” é limitado e aperceber-me destes limites que, momentaneamente tem de ser estabelecidos — sempre como meios. Mas, apesar disso, e, por isso, o fenômeno se revela com um sentido. Não se esgota nesse sentido, mas esse sentido revela-o fundamentalmente.

A volta às coisas mesmas diz respeito a este aparecer na visão fenomenológica. As coisas não são mais definidas em termos espaciais ou meramente materiais. As coisas mesmas dizem respeito à preocupação com os fenômenos — ocupar-se — antes de mais nada, com a explicitação do sentido oculto no aparecer. É assim que se pode voltar à coisa no sentido original.

Então no fenômeno está implicada uma relação com o sujeito que desvenda seu sentido. É no conceito de **intencionalidade** que está radicada a proposta fundamental da fenomenologia de “volta às coisas mesmas”.

Se as coisas não são em si, mas para um sujeito, da mesma maneira o sujeito está constantemente fundido com as coisas. É neste intercâmbio que se constitui o sujeito-objeto. A intencionalidade define este movimento básico de ida e volta, da constituição recíproca sem que seja dado ênfase a um dos pólos da constituição. Não há um primeiro momento, mas uma simultaneidade de consciência-mundo ( ou sujeito-objeto ). É nesse sentido que uma distinção entre interior ( ou subjetividade como em si ) e exterior ( coisa ) não ocorre, pois ela implica concepções

metafísicas que desviam já de início o cientista de uma postura rigorosa em termos de ciência. Uma pré-conceituação radical do que é mundo ou sujeito furta o pesquisador a comprometer-se com o **dado** ou a considerá-lo em sua originalidade.

Ora o **positivismo fenomenológico** se define neste compromisso com o dado: na consciência não há nada mais do que este “ver” que se põe em presença do dado, dado este que vai preencher com sua presença a intenção que se dirige para ele. A origem de toda a experiência não está, pois, no sujeito ou no objeto, mas no **encontro**, no preenchimento da intencionalidade da consciência pelo objeto intencional. A consciência é um **puro ver**, portanto nada se origina dela nem ela precisa sair de si para algo exterior.

A objetividade passa, então, a ter outro sentido dado através do “ver” fenomenológico — é pela **redução** que o sentido original do dado revela. Como ?

A redução coloca-nos na imediatez da relação da consciência com o objeto presente, intencionado por ela. No entanto, o exercício da reflexão fenomenológica define-se pelo **afastar-se** da vida natural da consciência. Ou seja, o objeto intencionado pela consciência fenomenológica não é o objeto dado na atitude natural, “mundana” que serve de base para a constituição do objeto empírico, revestido de um caráter de objetividade como o proposto pela ciência clássica.

A imediatez que a reflexão fenomenológica persegue está radicada no plano da vivência ou no mundo irrefletido, que se nos apresenta antes de qualquer esforço de posse, esforço este que me afasta da vivência original através de constituições feitas, consciente ou inconscientemente, quer no plano científico, quer na vida diária comum — separa-me do solo original onde estão enraizadas essas mesmas constituições.

O caminho proposto pela fenomenologia para voltarmos ao fenômeno ou àquilo que se mostra por si é a **redução**, caracterizada pelo esforço de separação da própria experiência por meio de reflexão. O que é oferecido à reflexão são as próprias relações estabelecidas no intercâmbio contínuo das experiências com as quais eu estou fundido no viver cotidiano. Pela redução eu, me separo deste viver cotidiano, deixo de estar fundido com a própria experiência para, pela reflexão, contemplar essa experiência. Esse desdobramento de mim sobre mim não leva à apreensão solitária de um “eu” que pensa, mas permite visualizar-me enquanto sujeito que intenciona. Ou seja, pela **reflexão** eu tematizo a minha vivência, torno claro o modo de me relacionar com o objeto e também a forma como ele se oferece a mim. Se, pela reflexão, eu me separo das relações efetivas com o mundo, elas não são modificadas ( no exercício da redução ), mas “visualizadas” como modos de relação e modos concomitantes

de aparecer o objeto. É, portanto, elucidando pela redução as estruturas da relação e os modos de constituição do objeto que se chega a estabelecer um plano de objetividade.

O afastamento do imediato pela reflexão cria outro nível de imediatez. Na verdade, o imediato do cotidiano e até o imediato que é dado como objeto ao cientista, ele não é a primeira camada da constituição. É apenas um imediato aparente — nele já existe um compromisso com o mundo mediatizado pela cultura, no primeiro caso, e ainda pelas crenças que regem o conhecer da ciência, no segundo. Por isso, em termos fenomenológicos se fala de um mundo **reflexivo** ( do conhecimento vulgar e científico ) oposto ao mundo **irreflexivo** ( da vivência original fundadora do primeiro ). É difícil afastarmo-nos deste mundo reflexivo. Mas a reflexão fenomenológica exercida na redução tem esse propósito. Este afastamento não visa a negar o valor nem o poder deste mundo já constituído, mas afastar-nos da imediatez ingênua para atingirmos a imediatez original ou chegarmos ao irrefletido fundador que aparece oculto e até deformado no plano reflexivo. É assim que o sentido original aparece. E, no segundo momento da redução, ou na volta ao constituído, o valor da constituição se revela. Se, no primeiro momento se abriu um campo para a explicitação do sentido, no momento seguinte há o engajamento de um sujeito que se posiciona a si, se posicionando no mundo. Só assim a significação ocorre e, com ela, a possibilidade de fundar o próprio conhecimento em diferentes áreas e de estabelecer os limites em cada uma delas.

II — Convém esclarecer, agora, qual o sentido da fenomenologia no âmbito do conhecimento científico. Aparecem dois momentos:

1. em termos epistemológicos
2. como atividade ou na prática científica.

1. Através dos conceitos que acabamos de analisar sob a perspectiva do **imediat**o, a fenomenologia apareceu como um caminho. Na verdade, esses conceitos são os referenciais que permitem traçar este caminho. Eles definem a fenomenologia como forma de se colocar perante a realidade a ser estudada. Eles não mudam o objeto, mas a forma de o "ver". A partir desta mudança na forma de "ver", a maneira de tratar o que é "visto" mudará, conseqüentemente, não no que respeita às técnicas, mas ao uso que se faz delas. Quer dizer, não cabe à fenomenologia questionar as técnicas enquanto tais, mas questionar, sim, o comprometimento do sujeito pesquisador com essas técnicas. Ela implica uma mudança de atitude que abre ao pesquisador um novo caminho no âmago da própria ciência. Num primeiro momento pode aparecer como uma anticência, quando definida como posição crítica em relação ao conhecimento científico. No entanto, a crítica à ciência não pode ser entendida no sentido banal. No sentido rigoroso é a autocrítica a que se submete o próprio

conhecimento científico que encontra uma fonte de renovação ao tomar consciência dos seus limites no confronto com o mundo, com os outros, consigo próprio.

Qualquer pergunta feita no âmbito da ciência implica uma compreensão prévia ou, se quisermos, num comprometimento sujeito-objeto. No entanto a pergunta é já um segundo momento que marca uma distância em relação ao objeto que, por sua vez, deve seguir uma trajetória que a própria pergunta traça. Quando questionamos essa pergunta o objeto é libertado e pode aparecer sob outras óticas. É então que ele se revela em suas outras possibilidades, e nós, como sujeitos conhecedores, tentamos persegui-lo submetendo-nos a seus poderes. É este o caminho da fenomenologia — ele é traçado pelo objeto. A reviravolta proposta à ciência pela fenomenologia é inerente ao próprio conhecimento científico — as técnicas, elas são meios de perseguir o objeto, não para o capturar definitivamente, mas para o poder abordar numa primeira instância. Isto é tão óbvio que parece redundante dizer que a fenomenologia abre novas perspectivas para o conhecimentos científico. Mas abre. Porque a ciência tende a se fechar nesta primeira instância tornando-a como última e definitiva. E é aqui que a atitude fenomenológica, ao ser vivenciada pela ciência leva a assumir sua radicalidade enquanto conhecimento questionador.

2. Vamos tomar como exemplo prático o estudo do movimento vivido. Recorremos à publicação de Erwin Straus — “O movimento vivido” em **Phenomenological Psychology**, Basic Books, inc. Publishers, N. York, traduzido em castelhano na ed. Paidós, B. Aires. Tomando como referencial o espaço tridimensional, é o mundo que é considerado o marco de referência para o movimento animal e humano. Ora o movimento vivido diz respeito à maneira de um ser se mover. Por exemplo: o **salto**. No mundo do esporte eu posso medir a duração do salto desde o começo até o final, e também sua altura e longitude. Mas medi o salto, e, na verdade, é a **ação do saltar** que interessa para a Psicologia. Ou seja, não interessa o marco de referência espacial e temporal do salto terminado, mas a ação daquele que salta. A ação implica a incorporação de um **aqui** ( espaço ) com **agora** ( tempo ) que se define, não em termos de **posição** ( que é meramente espacial ) mas de **situação** ( que engloba espaço-tempo conjuntamente ). E essa incorporação que ocorre na ação de saltar, ela não pode compreender-se em termos de espaço objetivo nem de um tempo objetivo.

Na visão da física o espaço é homogêneo e o tempo também é formado por unidades idênticas. Ora, voltando àquele que salta, o que implica uma análise em termos de situação ? Na vivência, espaço e tempo são inseparáveis. Ao pular de **aqui** para **ali**, o ali é o **ainda não** em termos temporais. E por isso, quando o que salta se dirige para ali, este ali não é uma posição no espaço, mas é o **ainda não** que é antecipado como pre-

sença. O sujeito que salta se orienta em direção à profundidade — o ali que está distante dele, tanto no tempo como no espaço. E o movimento vivido no salto implica antecipação deste algo que ainda não aconteceu, ou do futuro. Uma análise em termos de posições, tomando como referencial o espaço homogêneo, só admite uma compreensão de relações de contigüidade e proximidade. Ora, o fato de podermos perceber a profundidade mostra que nos encontramos perante o mundo em sua totalidade, e que esta relação não pode compreender-se como composto nem como uma série de muitas relações de proximidade.

Da mesma maneira, uma investigação fisiológica do salto não nos leva a esclarecer este problema como modalidade particular do ato de mover-se. **Na verdade** é necessário que ocorram todos os processos fisiológicos de um modo adequado para que possamos mover-nos. Entretanto, todos os detalhes sobre as funções dos músculos agônicos, antagonísticos e sinérgicos; a inibição e a modificação dos movimentos especiais; a direção do movimento assinalado pela estimulação proprioceptiva e êxtero-ceptiva, etc. — não nos leva a afirmar que a atitude automotora seja a execução de um movimento ou um processo que tenha lugar no músculo.

Se o aparelho motor é condição do movimento, ele não nos fornece condições de chegarmos à compreensão do fenômeno da atividade automotora. A psicologia do movimento tem, pois, seus objetivos e métodos próprios.

Citando as próprias palavras do autor já referido Erwin Strass, no mesmo artigo, ele afirma: "Se tenho de ir daqui para ali, devo dar certo número de passos. O caminho é um, a minha ação é uma e a minha própria atitude para com o mundo, é ela mesma, uma. Ora bem, se seguirmos o procedimento dos físicos e admitirmos a identificação do movimento vivido com o movimento executado qual pode ser a unidade básica que adotemos? Onde se detém esta divisão progressiva? Deveríamos empregar como unidade básica a contração de um músculo particular ou ainda a simples contração tetânica? Devemos considerar como a unidade de mil movimentos diferentes a ação de um músculo em sua totalidade, uma fibra muscular particular ou ainda uma unidade mais elementar? Deve deter-se a nossa subdivisão nas estruturas anatômicas microscópicas ou nas partículas elementares da física nuclear? Mas pouco interessa onde nos detenhamos. Se seguirmos o princípio da física não há nada semelhante a uma unidade de movimento ou uma mudança de lugar experimentada; simplesmente há uma soma de acontecimentos distintos no aparelho motor que desloca o corpo desde um ponto no espaço até outro. Não estamos já falando da atuação de um eu como unidade em presença no mundo".

Há problemas que foram deixados de lado pela psicologia de uma forma deliberada, porque não havia meios adequados que permitissem

tratá-los cientificamente. Esta seleção, que inicialmente a psicologia fez, se justifica como primeira tentativa de abrir um campo para a investigação, ao mesmo tempo que dá uma segurança ao cientista que procura afirmar-se em relação às outras áreas de investigação. É o confronto com essas outras áreas que leva a psicologia a cingir-se a modelos alheios ( físicos ou biológicos ) e as perseverar neles apesar do seu objeto. É assim que o objeto da psicologia — o sujeito — é tratado como algo estranho, como uma entidade, um em si. O sujeito é tão objetificado no sentido escrito, ou seja, é forjado um sujeito científico que é aquele que pode ser analisado e explicado. Desencarna-se o sujeito de sua subjetividade para se encaixar no sujeito — objeto no conhecimento científico. É assim que ele passa a ser objeto de estudo de comportamentos. Comportamentos estes explicados numa óptica de hipótese que manipulam o sujeito científico, ao mesmo tempo que dão ao investigador o poder de universalizar. Este é um momento necessário à ciência, mas também extremamente perigoso. Pois, este poder de generalização instala o conhecimento num “lugar” alheio ao sujeito que viva. Ou seja, o sujeito objeto da ciência não é mais o sujeito que vive no mundo concreto. E se afirmamos que a possibilidade de generalizar e de criar normas e regras que dizem respeito a todos os comportamentos é um momento necessário, ele não pode ser confundido com a tarefa última da ciência. Se a objetivação científica é necessária para remediar as insuficiências da compreensão imediata, ela não esvazia toda a dimensão subjetiva, ou a possibilidade de uma nova compreensão.

Nessa nova compreensão está implicada a referência ao sujeito que vive, sente, imagina, pensa, etc., que enfim, escapa a toda determinação última que se queira fazer dele. E esta volta ao sujeito concreto implica a compreensão do sentido dos comportamentos vivenciados por ele. Se, por exemplo, dum ponto de vista psicanalítico eu posso explicar determinados comportamentos por mecanismos de repressão ou de transferência, o sentido desses comportamentos ou a forma como o sujeito vivencia estes comportamentos não se esgota a nossa visão explicativa. Ela pode servir a mim, enquanto cientista, como maneira de me aproximar do sujeito, inserindo-o num quadro teórico explicativo, para num segundo momento, eu tentar retomar estes comportamentos no contexto vivencial do sujeito e, assim, descobrir o seu significado original.

O objeto da psicologia proposto na visão fenomenológica é um sujeito que vive no mundo concreto e que não se esgota numa visão explicativa. Os dados explicativos dizem respeito a uma interpretação do fenômeno humano, e é necessário ir até essa interpretação para ver, até que ponto, ela diz respeito a um saber sobre o homem.